

O LIMPO E O SUJO: UMA HISTÓRIA DA HIGIENE CORPORAL

Joseane Maria Parice Bufalo*

VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo: Uma história da higiene corporal*. Tradução do Francês: Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1996, 297 pg.

Este livro foi escrito com o objetivo de mostrar ao leitor que sempre existiram de alguma forma práticas de limpeza corporal. Com o passar dos tempos foram se adicionando exigências, o que implicou em regras. Portanto, Vigarello afirma que uma história da limpeza corporal é também uma história social.

Assim, o autor aborda nesta obra as definições, os padrões e as técnicas de limpezas corporais entre a Idade Média e o século XX. Ele se apóia na teoria do sociólogo alemão Norbert Elias para analisar o processo de civilização das sociedades ocidentais, a partir de uma característica: as transformações da relação dos seres humanos com seu corpo.

Nesse sentido, Vigarello trabalha de maneira cronológica no livro. Enfatizando como as normas da limpeza se enunciam e se definem vai relatando e descrevendo cenas do cotidiano de cada época, de maneira a fazer uma análise destes padrões por meio destas cenas. Sendo assim, o livro nos aponta de forma clara e ilustrativa o que acontece em cada momento histórico.

Esta resenha acompanha a cronologia que Vigarello tece, mostrando como a concepção do banho passa de uma prática transgressora para uma prática da ordem.

Na Idade Média existiam as estufas e os banhos, os quais não eram entendidos como estabelecimentos de higiene, estes faziam parte de prazeres específicos. A história das estufas está ligada ainda a uma outra história: a do tempo lúdico e festivo, a dos prazeres e do jogo. Nesse caso, estão envolvidas também inevitavelmente, ilegalidade e transgressão (p. 34). Portanto, esses locais, pertenciam ao

mundo do prazer, dito prosaicamente por um dono de estufas alemãs do século XV: Água por fora, vinho por dentro, alegremo-nos (p. 37).

Sendo assim, a cultura das estufas e dos banhos não podia ser considerada como a da higiene ou ainda, da ordem. No entanto, isso não quer dizer que nelas não havia lavagem e limpeza alguma, embora o objetivo fosse a prática festiva.

Existia também nessa época, em pouquíssimos lugares, a prática privada do banho, a qual não se compara às estufas. No entanto, tanto as estufas quanto os banhos desaparecem pelo motivo do imaginário da água e as representações do corpo. Havia um grande temor de os organismos serem penetrados.

Nesse período (séc. XV-XVII), se deve pensar a limpeza com exclusão de qualquer ablução. É preciso reconhecer uma limpeza corporal, mas que se fazia através dos espaços, das roupas de baixo, dos acessórios diversos e assim não o corpo propriamente dito era lavado ou limpo. É a roupa-branca que se lava (p. 66).

Essa limpeza se refere a um sentido social e médico, pois tanto a roupa como a ausência de doença é o que indica a higiene corporal. Portanto, estas características, que passam pelos objetos, no tratamento com o corpo, trazem conseqüências sociais, haja vista que deixava de existir a limpeza para os mais pobres.

A limpeza girava em torno da aparência, importando apenas o que o outro via. Daí o funcionamento de estratégias de ilusão como: penteados, maquiagens e os próprios perfumes a partir do século XVII, os quais além da dissimulação ou do prazer, traziam também a purificação. O perfume apaga tanto quanto dissimula (p. 100).

A partir do segundo terço do século XVIII, o banho tem uma nova presença. A prática da água se transforma. Embora ainda se pensasse que ela penetraria o corpo, atuando sobre seus órgãos e suas funções, esse novo interesse se

* Mestre pela Faculdade de Educação - UNICAMP/1977 - Professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Campinas

traduzia por um grande número de monografias médicas a seu respeito, atestando a importância do tema, teoricamente. No entanto, na vida cotidiana o banho se integrou de maneira específica, isto é, atingindo apenas a nobreza e em especial as mulheres. Mais do que nunca esse banho quente dos gabinetes da nobreza é antes de tudo prática de mulheres (p. 115). Há várias passagens no livro em que Vigarello relata a aproximação do banho como sendo prática feminina.

Essas práticas refletiram um longo percurso teórico e cultural, após o século XVIII, e no final deste período, o banho começou a ter um papel explicitamente higiênico. O corpo, então, adquire uma imagem nova e o banho é um indício de um código, até então inédito, de suas eficácias corporais. Assim, a limpeza já não se fazia apenas para o olhar.

O autor faz uma analogia entre as máquinas a vapor e as representações dos corpos humanos, dizendo que mais ou menos consciente se passa a codificação das eficácias corporais: a saúde supõe uma boa energia de combustão. (C...) Do banho frio ao banho quente, portanto, também foi o imaginário das energias que se reconstruiu (p. 191).

Mas mesmo nessa época, ainda se questionava sobre a prática de o banho ser imoral. O pudor estava mais diretamente no desnudamento dos corpos exigido pelas abluções de limpeza e sobretudo nas apalpações que elas provocam. Portanto, difundir a prática do banho é também convencer que ela não ofende o pudor.

Contudo, depois dos terrores da peste, o papel do banho se inverteu definitivamente. A água passou a se desempenhar como ação preventiva. Entretanto, os mais pobres e mais expostos são os que menos obedeciam às regras de higiene.

No final do século XVIII, foram iniciados atos de higiene para alterar o espaço público. Então começou a se pensar em banhos populares e estes eram vistos antes de tudo como uma medida para melhorar o espaço.

Pensava-se nos banhos populares como sendo diferentes dos nobres. O que importava

era que se fizesse uma limpeza das ruas, dos espaços coletivos. O uso da água era pensado nessa época para corrigir o ar e mais importante ainda era a relação entre o salubre e o insalubre.

As normas, há muito tempo aplicadas pelas elites, começam a ter um papel nas instituições destinadas à massa. Uma limpeza já antiga começa a existir como se a prática "pensada" para o povo devesse implicar uma defasagem e um tempo de latência (p. 167).

O banho se instalou lentamente nas práticas da elite, bem no final do século XVIII, o que anunciava o caminho que seria desenvolvido no século XIX.

Em meados do século XIX foram tomadas medidas concretas para corrigir a falta de limpeza indigente. Assim, se transformavam os espaços públicos e a pedagogia se prolongava na norma imposta aos instrumentos e aos espaços. O planejamento urbano passou a ser em função do consumo de água, a qual se tornou, como nunca o foi, um problema de estratégia coletiva, para impedir a doença e trazer a saúde.

No século XIX a higiene passou a ocupar um lugar inédito, a ser uma disciplina específica dentro da medicina. Mesmo já no final do século XVIII, o médico se aproximou do político, desempenhando um papel na disposição das cidades e de diversos locais públicos.

As disparidades sociais. Já não se verificavam apenas entre o banho e as abluções parciais, mas também entre vários tipos de banhos.

Nesse período, diferente do século XVIII, o banho não significava tratar apenas do corpo, mas sobretudo de não subverter a ordem. Havia uma moralização da limpeza: o objetivo não era outro senão transformar os costumes dos mais desfavorecidos.

O autor afirma que, quanto à higiene, a resposta é antes de tudo pedagógica, num sentido "catequizante". A sujeira era tratada como sendo um efeito da preguiça, contrariamente do que se pensava até o século XVIII, quando o banho era visto como uma prática do ócio.

Criou-se um manual de higiene, o qual se tornou um texto de estudo. Assim, sucessivamente em todas as instâncias educacionais se trabalhou com o princípio de ensinar o outro, adequando-o, disciplinando-o pois um povo amigo da limpeza logo o será da ordem e da disciplina (p. 216).

No final do século XIX a água ganhou uma legitimidade científica que nunca mais foi ultrapassada e o banho adquiriu um espaço que é totalmente privatizado.

Como se pode ver, o banho tem duas características básicas no decorrer dos tempos: prazer e higiene. Como afirma Vigarello, estes dois caracteres parecem não poder caminhar juntos, ou é isto ou é aquilo. Na Idade Média, quando se banhava, significava tempo do ócio, da preguiça. Contrariamente, no século XVIII, a ciência legitimava a limpeza do corpo por meio do banho, moralizando-o.

Desse modo, com o banho fazendo parte da ciência que não falta à verdade (p. 253), deve ser transformado o costume de quem quer que seja, pois a limpeza não é só um instrumento da saúde, mas também um instrumento da moral.

A história do banho mostra que o que está em jogo é a intimidade das pessoas com o corpo. Assim, mesmo depois de aceito como prática social, ele sempre foi pensado com cuidados. No início era coletivo, posteriormente foi se individualizando para todas as classes sociais, mas com restrições.

Assim, como podemos perceber, há várias maneiras e entendimentos sobre o banho. No entanto, é interessante frisar que enquanto ele era visto como ilegal, transgressor, era considerado como uma prática principalmente das mulheres.

Somente quando se pensa na alteração dos hábitos das pessoas, é que se modifica o espaço público para atingir a todos, principalmente os pobres e aí o banho deixa de ser transgressor para ser da "ordem".

Desse modo, vejo esta obra como sendo bastante pertinente, pois vem revelar práticas cotidianas sobre o tema, trazendo à tona significados morais, sociais e políticos, ao abordar a questão da higienização do espaço

público pelo Estado, a fim de atingir as classes sociais mais pobres.

Portanto, esta obra é uma referência bibliográfica interessante para as diferentes áreas do conhecimento e seus estudos referentes ao espaço público e privado, que no caso desse livro, tem como tema o banho com as categorias: disciplina e transgressão.

CRIANÇAS COMO VOCÊ: UMA EMOCIONANTE CELEBRAÇÃO DA INFÂNCIA NO MUNDO

*Maurício Roberto da Silva**

KINDERSLEY, Barnabas e Anabel., *Crianças como você: Uma emocionante celebração da infância no mundo*. São Paulo: Ática/UNICEF, 1996,79 pp.

O livro em apreço, de autoria dos fotógrafos Barnabas e Anabel Kindersley, é patrocinado pelo UNICEF. Traduzido por Mário Vilela Filho do original *Children Just Like Me*, sugere já no título emoção e aventura, ao mesmo tempo em que é instigante, intrigante e provocativo.

A palavra criança escrita com letras maiúsculas sugere destaque, uma dignidade para os sujeitos infantes, supostos participantes da aventura literário-imagética.

O design possui uma aura de rara beleza visual e estética, simulando através das cores, uma verdadeira aquarela da infância mundial, ao mesmo tempo que permite repouso, relaxamento e o aflorar de sentimentos e emoções. As fotografias retratam crianças oriundas dos mais longínquos rincões do "Ártico à linha do Equador, da América do Sul ao Sudeste". A capa possui uma força simbólica e mágica centrada na alegria, no bem estar social, no lúdico, num verdadeiro reino do faz-de-conta, da fantasia e da felicidade ...

Esta publicação tem como principal teor de mensagem imediata o apelo emocional através

* Professor da UFSC e Doutorando da FE-Unicamp